

AQUISIÇÃO DA VOGAL /a/ DA LÍNGUA ESPANHOLA POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

BRUNA SANTANA DIAS-CAVALHEIRO¹; GIOVANA FERREIRA-GONÇALVES²

Universidade Federal de Pelotas - brunasantanadias@gmail.com¹
Universidade Federal de Pelotas, CNPq - gfgb@terra.com.br²

1. INTRODUÇÃO

Grande parte da população mundial tem contato com uma língua estrangeira, seja com grande ou baixa frequência, seja em uma destreza comunicativa ou em todas (falar, ouvir, ler e escrever). Como dizem Amorim e Magalhães (2003), somos, diariamente, cercados por músicas, documentários e produtos importados que nos exigem certa compreensão em língua estrangeira. No caso do Brasil, essa necessidade se dá, principalmente, se considerarmos a língua espanhola, em função das proximidades com países que têm o espanhol como língua oficial. Por esse motivo, conhecer o processo de aquisição dessa língua por falantes de PB é imprescindível.

Mota e Zimmer (2005) afirmam que a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) caracteriza-se por um processo longo e complexo, assim como adquirir uma língua materna (LM). No entanto, a aquisição de uma LE se diferencia em muitos aspectos da aquisição da LM, sendo a transferência de conhecimento (linguístico ou extralinguístico) um exemplo dessa diferença.

No que diz respeito ao professor de língua estrangeira, defende-se aqui que ele deve ter pleno conhecimento tanto do sistema da língua materna de seus alunos, como também da língua estrangeira a qual ensina. Assim, poderá melhor detectar as dificuldades pelas quais passam os aprendizes de LE e, desse modo, auxiliá-los. Entretanto, como aponta Pasca (2003), há poucas pesquisas que tratam da aquisição segmental do espanhol como língua estrangeira.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo investigar como se dá o processo de aquisição da vogal /a/ da língua espanhola, por falantes de português brasileiro (PB), moradores da cidade de Pelotas. Para tanto, serão coletados dados de fala de aprendizes de espanhol como segunda língua (E/L2) e comparados com as produções de falantes nativos de espanhol¹.

De acordo com Alves e Zimmer (2005), os aspectos fonético/fonológicos são os mais difíceis de serem adquiridos, tanto em termos de percepção quanto de discriminação entre sons e padrões silábicos. O aprendiz tende a processar os padrões fonético/fonológicos da L2 de acordo com o padrão de sua primeira língua (L1). Os autores defendem que atenção, consciência, percepção e *noticing* (notar) são imprescindíveis para a aquisição de L2. Ter consciência significa estar ciente da forma linguística a qual se é exposto. Essa consciência pode existir com o auxílio do professor de língua estrangeira, que pode sistematizar aspectos linguísticos da língua alvo do aprendiz. *Noticing* vem a ser um grau de consciência mais baixo do que “consciência como entendimento”, através da qual o falante é capaz de descrever explicitamente

¹ Neste trabalho não se faz distinção entre língua estrangeira e segunda língua.

as características do aspecto linguístico a que está exposto. Os autores salientam que nem todo *input* recebido é processado, para que isso aconteça se faz necessária a atenção. Além disso, estabelecem a distinção entre notar e perceber. Dizem que notar implica, necessariamente, perceber e também exige certo nível de atenção e comprometimento cognitivo com o *input* a ser processado. Perceber, por sua vez, não exige tal grau de atenção, consiste no mero registro visual ou acústico de um estímulo, que não necessariamente passará por um processamento.

Mas o que isso importa para a aquisição de aspectos fonéticos/fonológicos? Conforme Alves e Zimmer (2005), para o *input* ser notado (processado), necessita ser percebido. Entretanto, quando falamos em aquisição fonético/fonológica, inclusive perceber (que seria uma habilidade cognitiva mais simples que notar) corresponde a uma árdua tarefa.

Em relação ao fenômeno aqui investigado, cabe salientar, de acordo com Quilis (1993), que a produção de cada som envolve uma determinada posição dos órgãos articulatórios, os quais modificam, por sua vez, a frequência de ressonância. O que distingue uma vogal de outra é a diferença de estruturação de seus harmônicos, denominados *timbre*. Cada conjunto de harmônicos é um formante. O autor afirma que quanto maior for a abertura da cavidade oral, e mais baixa estiver a língua, mais alta será a frequência do primeiro formante (F1), o inverso também é verdadeiro, isto é, quanto menor for a abertura da boca e mais alta estiver a língua, menor será o F1. De todas as vogais, tanto no PB como no espanhol, a produção da vogal /a/ exige uma abertura maior da boca, conseqüentemente, essa vogal possui os maiores índices de F1. A posição da língua, quanto a anterioridade ou posterioridade, influi no segundo formante (F2), quanto mais anterior, maior será o F2. A vogal /i/ é a mais anterior, portanto, possui um F2 maior. O terceiro formante (F3) está relacionado ao arredondamento labial e também à nasalidade. Considerando que, dependendo da abertura da boca e da posição da língua (propriedades articulatórias), obtemos índices diferentes de formantes (propriedades sonoras), pode-se perceber, então, a estreita relação entre aspectos acústicos e articulatórios.

Pela comparação entre a vogal /a/ do PB e do espanhol, podemos perceber que há uma diferença de nasalidade entre esse som em ambas as línguas (a nasalidade pode afetar todas as vogais, mas é mais perceptível no caso da vogal /a/). A nasalidade não se dá da mesma forma para o PB e para a língua espanhola. Pasca (2003) alerta para o fato de que a nasalidade do espanhol é quase imperceptível, tanto para um falante nativo quanto para um não-nativo.

O fato é que falantes do português brasileiro (PB), em processo de aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, tendem a nasalizar, indevidamente, as vogais orais espanholas, seguindo o padrão do português. Tal nasalidade se mostra mais visível na produção da vogal /a/, sendo, portanto, relevante o desenvolvimento de pesquisas que busquem a descrição acústica e articulatória desse segmento vocálico nas duas línguas.

2. METODOLOGIA

Os informantes desta pesquisa serão 15 estudantes de espanhol do curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas (Grupo 1), 3 falantes

nativos de espanhol (Grupo 2) e 3 falantes nativos do PB (Grupo 3), que não tenham acesso a nenhuma língua estrangeira. Os estudantes de E/LE serão divididos em três grupos: básico, intermediário e avançado.

Serão elaborados três instrumentos para a coleta dos dados de produção, a saber: (i) relação de palavras do espanhol, do português e de logatomas, a ser aplicado ao Grupo 1; (ii) relação de palavras do espanhol e de logatomas, a ser aplicado ao Grupo 2 e (iii) relação de palavras do português, a ser aplicado ao Grupo 3. Os vocábulos serão escolhidos de modo a contemplar diferentes contextos linguísticos, nasais e orais, para que se verifique se essa vogal apresenta diferenças nas duas línguas alvos deste estudo, mesmo em ausência da nasalidade.

As coletas dos dados serão realizadas nas dependências do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), da Universidade Federal de Pelotas. Para obter-se qualidade nas gravações, as coletas realizar-se-ão em uma cabine acústica, com uso do aparelho de Ultrassom Mindray DP-6600 – para a coleta de dados articulatórios – e com um gravador digital, modelo Zoom H4N. A análise articulatória se dará pelo programa computacional AAA (Articulate Assitance Advanced), que permite: analisar quantos bancos de dados se deseja; transferir dados de um banco a outro; importar dados nos formatos padrão de arquivo (wav, epg, etc) e exportar dados nos formatos padrão de arquivo. A análise acústica será feita por meio do *software Praat*.

O presente trabalho constitui-se na realização de um teste piloto, com representatividade dos três grupos de informantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme Pasca (2003), a percepção não é a causa da ocorrência indevida de nasalidade da vogal /a/ da língua espanhola por falantes do PB. Mas se os alunos têm consciência da diferença de tal vogal em ambas as línguas, por que não aplicam em suas produções? Provavelmente, grande parte dessa resposta esteja no fato de que os aprendizes têm de vencer múltiplas tarefas que se colocam diante deles na aprendizagem de um novo código linguístico. Mesmo em língua materna, produzir um enunciado requer alguns passos: primeiramente, há uma seleção do que se deseja proferir, após há um processo de organização dessas informações, para só então ter-se a formulação linguística. Deve-se ter a preocupação com as palavras (se o aprendiz não tem domínio lexical necessita buscar outras maneiras de dizer o que deseja), com a organização sintática, com diferentes questões gramaticais e, por fim, com a articulação adequada dos sons. É possível, pois, que os alunos percebam a diferenças entre a vogal /a/ do espanhol e do português, mas não tenham processado essa informação de forma a ajustarem os gestos articulatórios em acordo ao previsto na produção do espanhol. Com isso, seguem produzindo inadequadamente esse som.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, fica evidente que o processo de aquisição de uma segunda língua não é simples, pois envolve diversos fatores. O aprendiz tem de resolver problemas cognitivos e linguísticos, de modo concomitante. Depois

de já dominar sua língua materna, o adquirente se vê diante de uma nova língua, com uma organização distinta.

A língua espanhola e a língua portuguesa se originam de uma mesma família, por isso são semelhantes. Isso pode ser vantajoso e, ao mesmo tempo, desvantajoso para o aprendiz. Em termos fonético/fonológicos, considerando que ambas as línguas compartilham a maioria dos sons, isso pode ser positivo. Entretanto, essas semelhanças entre os sons pode abrir a possibilidade para que o aprendiz recorra a sua língua materna na utilização da língua estrangeira, apresentando uma pronúncia ainda distante da forma alvo, como ocorre com o processo de aquisição da vogal /a/ do espanhol.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; ZIMMER, Márcia Cristina. Perceber, notar e aprender: uma visão conexional da consciência do aprendiz na aquisição fonológica da L2. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

AMORIM, V. E MAGALHÃES, V. *Cem aulas sem tédio: sugestões práticas, dinâmicas e divertidas para o professor de língua estrangeira*, Santa Cruz : Ed. Pe. Reus, 2003.

PASCA, M. A. S. *Aspectos da aquisição da vogal oral /a/ em língua espanhola por estudantes de língua portuguesa: a questão da percepção*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: URGs, 2003.

QUILIS, A. *Tratado de fonética y fonología españolas*. Madrid: Gredos, 1993.